

sempre apresentadas como favores, de que os “beneficiários” poderiam ser privados, em casos de mau comportamento, quando não passam de processos de exploração, destinados a carrear lucros às organizações empresariais externas.

Outra forma de alterar a realidade, e esta escudada no prestígio dos números e na conseqüente credulidade que os cerca, está na utilização de índices quantitativos fornecidos pela estatística. Essa forma tem sido, aliás, largamente utilizada na proclamação dos méritos do chamado “milagre brasileiro”. Foram as crises cíclicas do capitalismo, como se sabe, que despertaram o interesse dos economistas e dos políticos para a necessidade de levantar os dados sobre o desenvolvimento global dos sistemas de produção. O desenvolvimento dos cálculos de natureza macroeconômica acompanhou particularmente o esforço dos teóricos do capitalismo no sentido de preservar esse regime dos efeitos das crises, tudo ligado aos largos dispêndios decorrentes da Primeira Guerra Mundial, à ameaça resultante do triunfo da Revolução de Outubro e ao pânico conseqüente à crise de 1929 e seus catastróficos efeitos. A economia capitalista procurava, assim, armar-se de instrumentos que lhe permitissem prever e evitar as crises ou, pelo menos, os seus efeitos mais graves, e, ao mesmo tempo, transferir os seus ônus seja às áreas coloniais ou dependentes, seja às classes dominadas, seja a ambas.

Somente na década de 1940, entretanto, a ONU divulgou fórmulas e sistemas contábeis e estatísticas que deveriam ser adotadas, para permitir a comparação de seus resultados, quanto ao cálculo dos vários agregados macroeconômicos. No Brasil, foi Roberto Simonsen pioneiro na adoção e aplicação dessas fórmulas e sistemas, cabendo-lhe parte do mérito pela publicação, em 1961, das primeiras estimativas de nossos agregados macroeconômicos. Depois de passar a encargo de Serviço de Estatística Econômica e Financeira do Ministério da Fazenda, em 1955, tais cálculos ficaram entregues ao Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getúlio Vargas, reduto inexpugnável dos especialistas seguidores dos ditames das forças econômicas externas e dos controladores, há muitos anos, dos órgãos do aparelho de Estado ligados, no Brasil, à economia e às finanças, independente do tipo de governo vigente.

O cálculo macroeconômico é instrumento importante, sem dúvida, mas quando despojado de seu sentido mítico, ligado a meros